

# Vai doer também para o Governo

SÍLVIA FARIA

BRASÍLIA — Não foi por acaso que o presidente Fernando Henrique Cardoso disse, na semana passada, que as reformas que vêm por aí vão doer, mas serão realizadas. O Palácio do Planalto já sentiu: à medida que a estabilização econômica exige reformas estruturais nunca antes feitas no país, o Governo perde apoio junto à classe média, é criticado pelo empresariado, enfrenta o poder das corporações estatais e seus sindicatos, é ameaçado por agricultores e acusado de assaltar os velhinhos da Previdência.

— As reformas não são populares e vão doer. O Plano Real agora começa a entrar na fase mais dura, que contraria interesses estabelecidos e mantidos pela inflação alta — avisa um ministro de Estado.

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, diz que a primeira etapa do plano, de combate à inflação inercial (aquela que se reproduz por causa da indexação, sem causas no aumento dos custos) foi a mais tranqüila. O difícil agora é exigir da sociedade sacrifícios que reduzam os custos e permitam que a inflação continue caindo.

— Baixar a inflação de 50% para 2% a 3% foi a etapa mais fácil. O maior desafio vem agora: é baixar a inflação de 2% para 1% ao mês. Essa etapa só se faz com cortes nos custos e nova

mentalidade — diz Malan.

A classe média — tida como a mais acomodada e conservadora da sociedade — é a que mais reclama. E leva o troco. Fernando Henrique responsabilizou-a pela elevação abusiva dos preços dos serviços, pela prática comum da aceitação sem resistência.

— A classe média aceita os aumentos abusivos que prejudicam os de menor poder aquisitivo — disse o presidente na visita a Portugal, quando criticou o aumento dos preços dos serviços e convocou a população a reagir.

Não poupou as corporações. No meio de cobranças políticas e chantagens dos sindicatos que anunciavam suicídios e desespero dos bancários do Banco do Brasil ameaçados de demissão, foi enfático:

— As demissões vão acontecer.

E aconteceram, assim como o fechamento de mais de 100 agências deficitárias da instituição.

Os trabalhadores do setor privado e a população de menor renda são os maiores beneficiários da primeira etapa da estabilização. Desde o Real, desapareceram as greves de trabalhadores, acalentados pelo crescimento real dos salários. A população de baixa renda beneficiou-se da queda dos preços dos alimentos básicos e dos bens semiduráveis (calçados e vestuário). Apropriou-se de uma renda que ficava totalmente concentrada nas camadas de maior poder aquisitivo por causa da inflação.



Malan: baixar inflação de 50% para 2% é fácil, difícil é cair de 2% para 1%

5-5-95

## Empresariado

O segmento da sociedade que mais reclama do plano em sua atual fase é o empresariado. Se é exportador, reclama da cotação do dólar, que afirma estar defasado; se é do setor financeiro, diz que vai quebrar por causa do compulsório cobrado pelo Banco Central; se é industrial, reclama dos juros e da concorrência com os produtos importados indiscriminadamente; se é comerciante, mostra-se asfixiado pelo controle sobre o crédito.

O diretor do Banco Central, Chico Lopes, diz que nunca se vendeu tanto e que ainda é preciso manter o aperto para não desequilibrar a economia como um todo.

## Agricultores

O presidente Fernando Henrique já disse que reconhece o problema da agricultura, descapitalizada pela queda dos preços dos grãos no último ano, mas avisou que o setor terá que mudar a mentalidade de achar que tudo depende do Governo e de que este deve lhes dar proteção.

O Governo quer responder apenas pelo pequeno produtor, que não tem acesso aos mercados internacionais ou a mecanismos sofisticados de comercialização, como as bolsas de mercadorias. Os demais devem buscar suas próprias soluções e aliviar o caixa do Tesouro para atender aos pequenos.

## Classe média

A equipe econômica reconhece que a classe média é a maior perdedora com o fim da inflação e sua ciranda financeira. Acostumada a esticar a renda aplicando no mercado financeiro, esse segmento perdeu com a queda da inflação. Além disso, a classe média arcou com o encarecimento dos restaurantes, lavanderias, cabelereiro, clubes e outros serviços. Esses foram os preços que mais pressionaram a inflação depois do Real. Mas Fernando Henrique não perdoo: para ele, a classe média é responsável pelos aumentos, porque não discute os preços e os paga, apesar dos abusos dos últimos 12 meses.

## Sindicatos

O aumento do nível de emprego e do salário real, ocorrido nos últimos 12 meses, tirou a principal bandeira dos sindicatos: o arrocho salarial. Como se não bastasse, a livre negociação implantada na segunda fase do Real dispensa a participação desses organismos, ao orientar o contato direto do empregado com o empregador. Ainda está em elaboração no Ministério do Trabalho a proposta que acaba com a contribuição sindical compulsória, dentro da proposta do ministro Paulo Paiva de eliminar o paternalismo estatal remanescente da era Getúlio Vargas.

## Funcionalismo

Considerados como trabalhadores privilegiados pela estabilidade no emprego, o funcionalismo público está sentindo a nova realidade. Só o Banco do Brasil já demitiu 13 mil empregados e vai transferir outros milhares dos centros urbanos. A Caixa Econômica está acabando com os contratos de prestação de serviço e demitindo estagiários, o que atinge a 42 mil pessoas. E 18 mil funcionários serão transferidos de agências congestionadas. Na administração direta, a reforma administrativa vai extinguir a estabilidade indiscriminada, que só permanecerá para carreiras típicas de Estado.

## Aposentados

A emenda sobre Previdência prevê o fim da aposentadoria por tempo de serviço e a implantação de um sistema que combina tempo mínimo de contribuição (a tendência é de 40 anos) e idade mínima (entre 58 e 60 anos). Acaba a diferença de idade para aposentadoria entre homens e mulheres e trabalhadores urbanos e rurais. Também acabam as aposentadorias especiais. O tempo de serviço já cumprido será considerado proporcionalmente na transição. Assim, quem já trabalhou um terço do tempo previsto no atual sistema só cumprirá dois terços do que estabelecer o novo regime.